

O Propósito da Educação

Mark R. Rushdoony

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto¹

O homem não é primariamente um ser racional; ele é uma criatura de fé. Seu raciocínio é baseado no que ele crê ou assume ser verdadeiro. O motivo disso é que o homem é uma criatura. Seu ser e estrutura de pensamento são derivativos, não criativos. O homem não cria nada. O homem se encontra como residente temporário no mundo de Deus, governado pela lei de Deus. A rebelião do homem não muda quem ele é, quem Deus é, ou a ordem do Seu universo.

A rebelião do homem distorce todo o seu entendimento do mundo. Quando os homens começam a crer na mentira de Satanás que eles podem “ser como deuses, conhecendo o bem e o mal” (Gn. 3:5), eles assumem todos os assuntos como prerrogativa sua: ética, ciência, religião e tudo o mais. Uma vez que o homem baseia seu raciocínio na fé de sua própria versão da verdade, então ele tenta aplicar sua nova verdade universalmente. Toda fé se dirige a uma aplicação universal. Se algo é verdadeiro, segue-se que outras coisas não são verdadeiras. Na educação pública vemos o humanismo predominante excluindo todas as expressões cristãs; uma visão da verdade deve logicamente excluir todas as outras.

Para o homem em rebelião contra Deus, o mundo é uma massa de dados que precisa ser interpretado. Por muito tempo o homem tem buscado uma idéia pela qual possa interpretar o mundo, algum princípio mestre que possa aplicar à realidade. Mas como um pecador, o homem tende a preferir uma forma de interpretar os fatos que sirva aos seus propósitos.

O grande princípio mestre desde Darwin tem sido a evolução. É a estrutura que sustenta todo o pensamento moderno. É de valor para o homem, não porque faça sentido, mas porque permite sua fé em si mesmo: permite que o homem justifique intelectualmente o que quer crer. Foi por isso que Marx e Engels ficaram eufóricos quando Darwin publicou pela primeira vez seu *Origem das Espécies*, seu naturalismo significa que a história tem que ser interpretada em termos materiais.

Olhemos agora para o escopo do que a Palavra de Deus abrange. A Bíblia nos dá o princípio do universo, seu fim, sua lei moral, e o acesso do

¹ E-mail para contato: felipe@monergismo.com. Traduzido em maio/2008.

homem ao Soberano deste universo. Ao fazê-lo, ela dá a direção da história, a base da ciência na ordem e no ato criativo de Deus, e um entendimento completo de como o homem deve ver o mundo e atuar nele, tanto em seu chamado como na vida pessoal. A Bíblia dá uma visão muito grande e bem ampla de toda a história humana e, além disso, força o homem a encarar sua vida pessoal e ações, incluindo os pensamentos do seu coração. Ela diz ao homem qual é o seu lugar no quadro geral. A Bíblia dá uma quantidade surpreendente de informação, considerando o seu tamanho.

A educação cristã é dirigida pelo quadro geral da Bíblia e sua relevância para o indivíduo. Ela aborda o que a criação, salvação e redenção de Deus significam para a história humana, mas também para a cultura do homem, sua família e sua responsabilidade pessoal. Educação em termos da Palavra de Deus aponta para a misericórdia de Deus e o chamado do homem em termos do seu dever de servir fielmente ao Senhor.

A educação cristã não busca um princípio mestre, pois ela serve ao Mestre. Ela não segue os princípios do Mestre, mas Sua eterna lei-palavra. Ela não serve a alguma idéia grandiosa sobre Deus, mas ao Deus soberano e, todavia, muito pessoal que se revela em Sua Palavra.

Para o cristão que serve a Deus como uma pessoa, não uma idéia, e que se submete à Sua Palavra como lei, não como um princípio, a realidade é entendida como centrada no trono de Deus. Os pecadores amam seguir idéias e princípios. Idéias são necessariamente produtos e desenvolvimentos da mente dos homens. Elas são aplicadas de várias formas, modeladas a diferentes situações, debatidas e alteradas segundo decreta a sabedoria humana coletiva. Eventualmente idéias podem ser descartadas se os homens consideram que já não são de utilidade. Da mesma forma princípios, ainda que conceitualmente mais duradouros, também estão sujeitos a múltiplas aplicações e qualificações do homem. Idéias não são absolutas como o é a revelação do Criador e Sustentador do universo. Princípios não são mandamentos eternos de Deus.

O propósito da educação cristã é remover todas as pretensões conceituais da soberania do homem e dirigir o estudante (de qualquer idade) a Deus como a fonte de todo entendimento. O homem então é instruído a se submeter a Deus como Senhor, não a regulá-lo por meio de idéias controladas pela razão do homem, ou princípios aplicados seletivamente ao critério do homem.

Além disso, quando olhamos para Deus como a fonte de toda realidade, devemos ver todos os Seus atributos e dons conjuntamente. Se tomamos um ou alguns atributos de Deus que preferimos, e os isolamos, criamos um Deus abstrato, um que é separado do Deus da Escritura.

Quando a Escritura diz “Deus é amor”, isso não significa que o homem pode tomar sua idéia artificial, emocional e romantizada de amor e subordinar Deus a ela. Isso seria fazer desse deus artificial um ídolo. Antes, “Deus é amor” significa que o homem entende o que é o amor: ele conforma sua idéia de amor à revelação de Deus na Escritura. “Deus é amor” nos dirige em nosso entendimento de “amor”, não em nossa definição de Deus. Isso significa que o amor de Deus de forma alguma impede o Seu juízo, assim como a graça de Deus nunca exclui a Sua justiça. Não podemos separar idéias nem atributos individuais de Deus e chamá-los de Deus, nem podemos extrair princípios e chamá-los de mandamentos.

Somos chamados a submeter nós mesmos, nossos pensamentos, nossas famílias, nossos chamados e nossas vidas a tudo o que Deus é. Nós nos submetemos ao Deus da Escritura, não ao deus limitado que conceitualizamos. Esse é o nosso chamado como o povo de Deus e o propósito de toda educação.

Sobre o autor: Rev. Mark R. Rushdoony é presidente da *Chalcedon* e da *Ross House Books*. É também editor-chefe da *Faith for All of Life* e outras publicações da *Chalcedon*.

Fonte: *Faith for All of Life* Julho/Agosto 2007, p. 5, 32.